

7.05.03 - História / História Moderna e Contemporânea

**MARGINALIDADE E GUERRILHA URBANA: IMAGENS CINEMATOGRAFICAS E DIÁRIO DO CÁRCERE.
(1969 – 1973).**

Nádila Silva Oliveira¹, Washington Luis Lima Drummond²

1. Graduanda em Licenciatura Plena em História na UNEB DCH IV e orientanda de iniciação científica
2. Professor do Curso de História na UNEB DCH IV / Orientador

Resumo:

A presente pesquisa consistiu na análise do livro “Diário de Fernando: Nos cárceres da ditadura militar” como enfrentamento da ditadura civil-militar brasileira e reelaboração do conceito de “sofrimento” decorrente da prisão política e tortura do Frei Fernando. A partir da perspectiva relacional entre produção confessional e “escrita de si”, entendida enquanto constituição do sujeito, abordamos o gênero diário como uma prática política. Por outro lado, tomamos a experiência da tortura e o “sofrimento” corporal, descrito no diário, como forma de reinvenção do “messianismo político” e “redenção de si”. Nesse sentido, interpretamos os conceitos de testemunho e de memória, entendidos agora como elementos de auto-ficção que aproxima a constituição do sujeito contemporâneo a uma incontornável dimensão corporal.

Autorização legal: Essa pesquisa não precisou de autorização legal.

Palavras-chave: Ditadura, tortura e diário.

Apoio financeiro: Voluntária.

Trabalho selecionado para a JNIC pela instituição: Universidade do Estado da Bahia. UNEB.

Introdução:

O “Diário de Fernando: Nos cárceres da ditadura militar”, escrito na prisão pelo Frei Fernando, é uma narração da vida prisional, das memórias das torturas e dos sofrimentos vividos por ele e seus amigos da ordem. Ao longo de quase 4 anos, Fernando, o frei que munuiu-se de coragem e dedicação para registrar o dia-a-dia no cárcere, traz em seus relatos a força de nos transportar ao passado e nos apresentar essa história do Brasil a “contrapelo”. O diário nos envolve e nos surpreende a cada página com as declarações de agressões desenfreadas para com o corpo humano, com relatos das péssimas condições alimentícias, relatos de torturas físicas e psíquica, que tinham como objetivo, arrancar informações e também de degradar o prisioneiro, vez que a tortura é o massacre do corpo e do espírito, humilhando a vítima. Como válvula de escape para tamanho sofrimento interno, Fernando descarregava as frustrações da sua alma escrevendo seus relatos, levando-se pelos movimentos de sua alma.

Metodologia:

Para que fosse realizada tal investigação foram utilizadas como fontes documentais o livro “Diário de Fernando: Nos cárceres da Ditadura Militar”, além de cartas e relatos memorialísticos de presos políticos do período. Entretanto, é na análise desse livro que se concentra o ponto crucial da pesquisa, cujo objetivo é claramente compreender como o indivíduo contemporâneo, particularmente nos anos 1960 e 1970, se constituiu a partir de uma determinada circunstância através da “escrita”, tendo o corpo como partida. A leitura do diário foi guiada pela compreensão de que essa “escrita de si” tornou-se um mecanismo de enfrentamento ao sistema opressor. Temos como principal base teórica “A escrita de si” de Michel Foucault.

Resultados e Discussão:

Através da pesquisa compreendemos a escrita enquanto um registro de experiências cotidianas, bem como o reconhecimento de si, possibilitando a constituição histórica do sujeito. Analisamos também o conteúdo do diário como constituição de subjetividade militante concernente a uma situação de sofrimento corporal, espiritual e uma forma de enfrentamento à ditadura civil-militar brasileira. Este trabalho buscou compreender como o período da ditadura e seus efeitos perante a política e a religião foram analisados e criticados pelos dominicanos presos. O estudo desenvolvido tornou possível apontarmos outros temas de pesquisa sobre a ditadura civil-militar, sobretudo, a perspectiva da produção confessional analisada a partir da “escrita de si” na constituição do sujeito, reinterpretou-se os conceitos de testemunhos e de memória entendidos agora como elementos de autoficção.

Conclusões:

Na década de 1960 e 1970, a fé cristã e a vida comprometida com causas sociais atingiram seu ponto máximo devido ao engajamento de setores progressistas da igreja na luta armada contra o regime ditatorial no Brasil. Para muitos cristãos significou um caminho árduo a se percorrer, pois lutaram bravamente contra preconceitos e defenderam que o compromisso social e político, apesar de ter se aproximado do ateísmo marxista, exigia uma reelaboração da teologia. Nesta luta, tiveram que mostrar para si e para todos os outros de que a fé cristã e a opção social não divergiam em nada. Pelo contrário, justas, se fortaleciam. Através de uma “escrita de si”, seja em diário ou cartas, compuseram uma prática política ao tempo que se

constituíram como sujeitos contemporâneos.

Referências bibliográficas

BETTO, Frei. **Diário de Fernando: nos cárceres da ditadura militar**. Rio de Janeiro. Rocco, 2009.

_____. **Batismo de Sangue**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1987.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder** Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro. São Paulo: Edições Graal, 1979.

_____. **A escrita de si**. In **O que é um autor?** Lisboa: passagens. 1992. Pp. 129-160

GASPARI, E. **A Ditadura Escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **A Ditadura Envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas – A esquerda brasileira: Das ilusões perdidas a luta armada**. São Paulo Ática 1987

KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro: O retorno do autor e a virada etnográfico**/ Diana Klinger. 2ª ed. Rio de Janeiro. 7 Letras 2012.

MALATIAN, Teresa. “Narrador, Registro e arquivo” In “O historiador e suas fontes”. Editora Contexto. pp 195-221

MARIGHELLA, Carlos. **Manual do guerrilheiro urbano** Sabotagem. 2003.

_____. **Escritos de Carlos Marighella**. São Paulo. Livramento 1979.

VIGARELLO, Georges. **O sentimento de si: História da percepção do corpo, séculos XVI-XX**/Georges Vigarello; Tradução de Francisco Morais. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.